



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

16, 17 e 18 de maio de 2015

Notícias do Dia - Ana Lavratti

“Da UFSC para Harvard”

UFSC / Harvard University / Editora Poetisa / Cynthia Costa / Clássico infantil / O coelho de veludo / Universidade de Yale / Estados Unidos / Juliana Bernardino / Mercado São Jorge

Da UFSC para Harvard

Sócia da editora Poetisa, Cynthia Costa tem um bom motivo para faltar à sessão de autógrafos do clássico infantil “O coelho de veludo”. Aluna de doutorado da UFSC e com bolsa de pesquisadora junto à Universidade de Yale, ela dará uma conferência este mês em pleno púlpito da Harvard University, nos Estados Unidos. Mas já solicitou à sócia, Juliana Bernardino, o relato completo do lançamento deste sábado, no Mercado São Jorge.

Diário Catarinense - Sua Vida

“Morre mascote adotado por estudantes da UFSC”

Animais / Adeus ao UFSCÃO / Mascote / UFSC / Fred / Cachorro / Câncer / Frederico / Universidade Federal de Santa Catarina / Ovelha / Branco / Mike / Facebook / Ajude Fred – o UFSCÃO

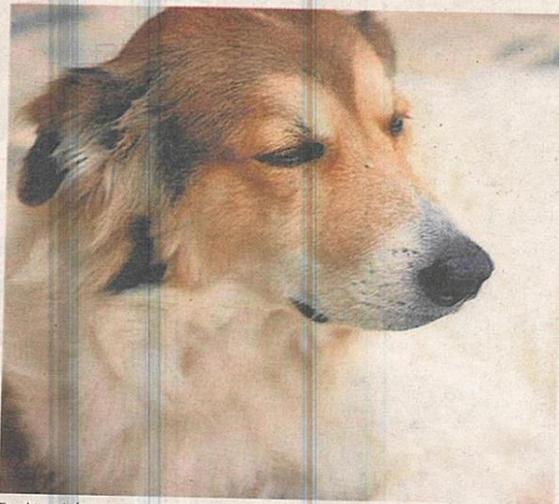
ANIMAIS | **ADEUS AO UFSCÃO**

Morre mascote adotado por estudantes da UFSC

CONHECIDO COMO FRED, cachorro que lutava contra câncer teve uma piora no estado de saúde e veterinários optaram pela eutanásia ontem

Morreu na manhã de ontem Frederico, um dos cachorros que viviam no campus da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. O UFSCão Fred vinha lutando contra um câncer. Na última semana, teve uma piora no estado de saúde e na manhã de ontem os médicos optaram pela eutanásia para evitar mais sofrimentos. Relembre o Fred, também conhecido como Ovelha, Branco ou Mike.

Em agosto do ano passado, estudantes da UFSC organizaram um evento no Facebook para arrecadar doações e custear os gastos veterinários do tratamento. Na página do evento chamada “Ajude Fred - o UFSCão” mostra informa que foram arrecadados R\$3.120 para ajudar o cão.



Fred também era chamado de Ovelha, Branco ou Mike pelos estudantes

REPRODUÇÃO: FACEBOOK

Notícias do Dia - Paulo de Tarso

“Senhor educação”

Educação / Glauco Côrte / Lava Jato / Fiesc / Sebrae / UFSC



SENHOR EDUCAÇÃO
Ao pedir agilidade e bom senso nas concessões de infraestrutura, Glauco Côrte nos faz pensar que, como boa parte das grandes empreiteiras está implicada na Lava Jato, abre espaço para as empresas menores. Uma parceria entre Fiesc, Sebrae e UFSC pode fazer acontecer. Afinal, o ministro disse querer sugestões.

Diário Catarinense - Visor

“Ponto final”

Justiça Federal / UFSC / Orçamento / Ponto eletrônico / Ministério Público Federal / Jornada de trabalho



PONTO FINAL
A Justiça Federal determinou que a UFSC inclua no orçamento para 2016 a verba para a aquisição dos equipamentos para o ponto eletrônico. A implantação deverá acontecer até 31 de dezembro de 2016. A ação foi movida pelo Ministério Público Federal, que está nessa batalha desde 2013. Os que não cumprirem a jornada de trabalho poderão ter até desconto no salário. Só falta combinar com os servidores.

Notícias do Dia - Ana Lavratti

“Caras pintadas”

Festa / Injeção-Eletrônica / PHE / UFSC / Glow in the dark / Tintas / Festival universitário / Music Park



Caras pintadas
Entre as novidades da festa Injeção Eletrônica, promovida em conjunto pela PHE e por acadêmicos da UFSC, está a maquiagem “glow in the dark”. As tintas estarão à disposição de quem quiser surpreender no escuro e brilhar noite adentro na festa com dez horas de duração. A previsão é que o maior festival universitário de música eletrônica leve 6.000 pessoas ao Music Park no próximo sábado, dia 23.

Notícias do Dia - Carlos Damião

“Lado errado”

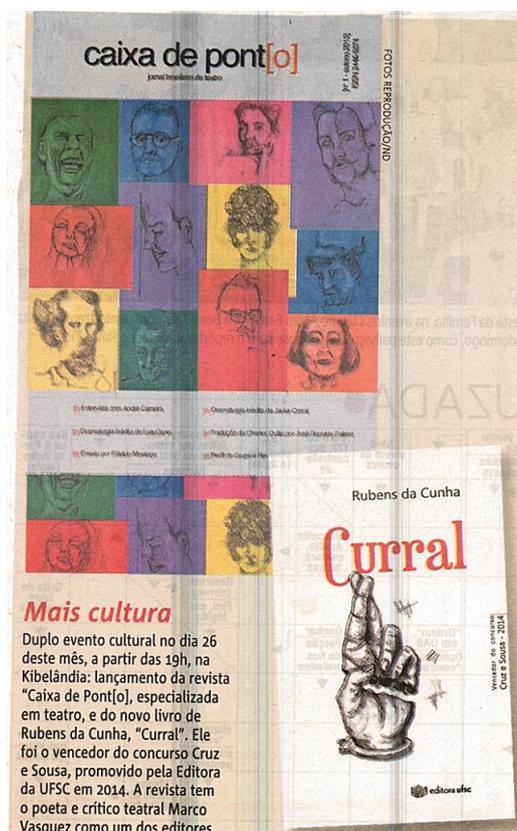
Filipe Scotti / Avenida Beira-Mar norte / Bairro Agronômica / Centro / UFSC
/ Trânsito / Koxixo's



Notícias do Dia - Carlos Damião

“Mais cultura”

Kibelândia / Lançamento da Revista Caixa de pont[o] / Teatro / Livro / Rubens da Cunha / Curral / Concurso Cruz e Sousa / Editora da UFSC / Marco Vasquez



Notícias do Dia Plural

“Memória para a sustentabilidade”

Memória / Sustentabilidade / Dia Internacional dos Museus / 13ª Semana dos Museus / Museus para uma sociedade sustentável / Ibram / Instituto Brasileiro de Museus / Silvana Lobo / Icom / Conselho Internacional de Museus / Santa Catarina / Mnic / Museu Nacional da Imigração e Colonização de Joinville / Giani Maria de Souza / Responsabilidade social / Exposição / O uso do desuso / Luciane Sell da Silva / Curso de tecelagem da Casa da Cultura / Projeto Mãos que tecem / Florianópolis / IFSC / Instituto Federal de Santa Catarina / Artes e amor animal / Mir Sestrem / Centro de Memória, Documentação e Cultura / Sandra Guimarães / Museu Victor Meirelles / Oficina Museu de Rua / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Oficinas Diálogos entre Artes e Sustentabilidade



Memória para a sustentabilidade

Semana. Atividades alusivas ao Dia Internacional dos Museus ocorrem em mais de 90 museus do Estado

SUELEN SOARES
suelen.soares@noticiasodia.com.br

Uma semana para celebrar os espaços que nos contam e guardam a história, registros, memória de lugares e pessoas que somente podemos conhecer por meio dos acervos. A 13ª Semana dos Museus começa hoje e segue até o dia 24 de maio. O tema deste ano é “Museus para uma sociedade sustentável”.

O evento ocorre em todo o país e foi criado pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) para celebrar o Dia Internacional dos Museus, comemorado em 18 de maio. Segundo a administradora cultural do Ibram, Silvana Lobo, o tema foi escolhido pelo Icom (Conselho Internacional de Museus) e serão realizados 4,570 eventos, como palestras, rodas de conversas e exposições, em 609 municípios.

Em Santa Catarina, mais de 90 espaços museológicos aderiram à Semana. Silvana lembra que o tema é apenas um norteador para a programação de cada

unidade, mas ressalta a importância de se levantar a questão. “A sustentabilidade é um grande desafio e tem relação com as boas práticas dos museus, quanto ao desenvolvimento em respeito aos limites da natureza”, explica.

Para a educadora do Mnic (Museu Nacional da Imigração e Colonização de Joinville), Giani Maria de Souza, o tema vem ao encontro do trabalho da instituição, que pretende utilizar os recursos da natureza como uma maneira de se fortalecer.

Dentro da programação, discussões sobre a responsabilidade social do museu e também uma exposição com o objetivo de mostrar a reutilização de materiais. A exposição “O uso do desuso” será na terça-feira, às 10h, com demonstração e exposição de tecelagem com materiais reaproveitados da professora Luciane Sell da Silva, alunas do curso de tecelagem da Casa da Cultura e do projeto “Mãos que Tecem”.

Em Florianópolis a progra-

mação do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina) levou à risca o tema da semana. Na abertura, terça-feira, às 9h30, haverá uma mesa-redonda com debates e na sequência, às 10h15, a abertura da exposição “Artes e Amor Animal” do artista Mir Sestrem.

A instituição está em processo de implantação do Centro de Memória, Documentação e Cultura e esta é a terceira vez que participa da Semana. A coordenadora das atividades no IFSC, Sandra Guimarães, diz que a sustentabilidade será tratada dentro da temática animal. “Nos temos curso de meio ambiente e, desde o ano passado, queríamos ter abordado este tema”, afirma.

No Museu Victor Meirelles o evento começa hoje, com a oficina Museu de Rua, das 9h às 18h, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Outras atividades, como a oficina de fotografia digital e a semana de palestras e oficinas Diálogos entre Arte e Sustentabilidade, serão no museu.

Programação:
Museu Nacional da Imigração e Colonização de Joinville (acima) e Museu Victor Meirelles da Capital (ao lado)



Formação de público

Além de comemorar o Dia Internacional dos Museus, o evento também é o momento em que os gestores e educadores discutem sobre os desafios atuais.

Um deles é atrair público para os espaços. Giani conta que a formação do público deve passar pela conscientização de que os museus não guardam apenas “coisas velhas” e sim entender o quanto o artefato ou aquela obra é importante para entender um período ou até mesmo uma civilização.

Segundo ela, os museus atualmente devem apresentar conexões com o cotidiano da população. Para ela, as pessoas devem sair dos museus com indagações e ainda mais curiosas. “Nos queremos pessoas que vejam além dos olhos. Temos que instigar a curiosidade dos visitantes”, conclui.

Notícias do Dia Geral "Rumos do jornalismo"

Jornalismo / UNB / Universidade de Brasília / Fábio Pereira / 3º Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Curso de Pós-Graduação em Jornalismo / Francisco Karan / Brasil / Práticas Socioculturais e Discurso: Debates Transdisciplinares / Marie-Soleil Frère / Universidade Livre de Bruxelas / Bélgica / Fernando Paulino / EBC / Empresa Brasil de Comunicação / Redes sociais / África do Sul / Nelson Mandela

Rumos do jornalismo

Colóquio. Estudiosos debatem transparência e mudanças estruturais

RAFAEL THOMÉ
rafael.thome@noticiasdodia.com.br
@END_Online

"Jornalismo é uma prática social que se transforma". A definição do professor da UNB (Universidade de Brasília) Fábio Pereira, um dos palestrantes do 3º

Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo (Mejor 2015), nessa semana, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), ilustra o constante processo de aperfeiçoamento da profissão frente as transformações do mundo em que vivemos. O encontro ocorre a cada dois anos e

reúne jornalistas e acadêmicos de diferentes países para debater os rumos da comunicação.

O coordenador do colóquio e do curso de pós-graduação em jornalismo da UFSC, Francisco Karan, pontua que "as mudanças estruturais afetam diretamente a alma jornalística, que seria

a reportagem". No centro deste debate está o advento das redes sociais e a crise de credibilidade que a profissão atravessa.

Em conversa com o ND, quatro estudiosos expuseram seus pontos de vista sobre o momento do jornalismo no Brasil e no mundo.

FOTOS: FAVIO THOMÉ



Fábio Pereira, jornalista e professor da UNB, escreveu, entre outros livros, "Práticas Socioculturais e Discurso: Debates Transdisciplinares". Parte de sua pesquisa é voltada para as relações entre jornalismo e redes sociais, tema discutido no colóquio.



Marie-Soleil Frère, professora da Universidade Livre de Bruxelas (Bélgica). Suas pesquisas se concentram sobre a mídia francófona da África subsaariana, onde, assim como o Brasil, há reprodução de estereótipos das classes sociais menos favorecidas.



Fernando Paulino, professor da UNB e ex-ouvidor das rádios da EBC (Empresa Brasil de Comunicação), defendeu tese de doutorado em 2008 na área de responsabilidade social da mídia, tema que abordou em sua conversa com o ND.



Madalena Oliveira, professora da Universidade do Minho (Portugal), se especializou no estudo dos metadiscurso sobre o jornalismo. No colóquio, conversou sobre a maneira que os profissionais podem transmitir notícias com credibilidade e seriedade.

“As redes sociais não trouxeram, necessariamente, uma forma nova de comunicação. É muito mais um espaço para dar visibilidade a conversas e formas de trocas que existiam em espaços privados e que, agora, está [na esfera] pública. Isso, do ponto de vista do jornalista, assusta, mas não acho que isso vá tomar o lugar do jornalismo, porque não é uma prática profissional regular de produção e transmissão de informação. A sociedade precisa de informação, e esse papel de mediação nunca foi tão importante. Na hora em que o indivíduo quer confirmar a veracidade de uma notícia, não vai para as redes sociais, vai para sites jornalísticos. No fundo, o grande problema do jornalismo é que nos colocamos à frente do interesse público. Em algum momento, temos que tentar ir ao encontro do que esse público pensa.”

“Se você constantemente insistir na ideia de que a população pobre, jovem e negra está envolvida em crimes, você estará reforçando uma imagem que nem sempre condiz com a realidade. O importante é tentar mostrar o outro lado da história. Na África do Sul, após o fim do apartheid, quando Nelson Mandela foi eleito presidente, houve um debate em que alguns jornalistas diziam que eles precisavam de um novo tipo de jornalismo, que insistisse na reconciliação, mostrando para a população branca o lado bom da população negra e vice-versa. Parte dos veículos de mídia dizia que não queria mudar o modo de trabalho, porque não acreditava em jornalismo de conciliação. Por outro lado, outra parte dos jornalistas estava realmente convencida de que a mídia poderia incentivar o entendimento entre as pessoas. Com certeza, isso merece um debate: ver como nós retratamos essa parcela da população.”

“Tem havido certa dessacralização do jornalismo. Antigamente, muitas pessoas procuravam os veículos de comunicação, porque, possivelmente, eram um dos únicos canais para evadir suas angústias e necessidades. Hoje em dia, existem outras formas. As tecnologias têm possibilitado um tipo de visão [sobre a imprensa], às vezes satírica, às vezes crítica, que começou a ganhar mais forma após aquela coisa da 'dança do sirí', das pessoas interagirem numa situação diferente do que era antes. A posição que as emissoras de TV, rádio e os jornais ocupam hoje é muito diferente do que era antes. Como recuperar esse prestígio? Estabelecendo cada vez mais diálogo com a sociedade e demonstrando ao público como o jornalismo se organiza, como a sociedade se estabelece, como a comunicação funciona e qual o relevância do trabalho que a gente desenvolve.”

“Uma das coisas que refletimos durante esse evento é que os jornalistas exigem a transparência de todos, mas são pouco transparentes a si próprios. Quando falo sobre o questionário de fazer o jornalismo e dos jornalistas material de interesse informativo, falo precisamente dessa necessidade de explicar às pessoas como é que se faz. Dessa forma, é possível conquistar a confiança do público, algo que se tem perdido. Quando o jornalista relata casos em que o sigilo da fonte foi o tema principal, por exemplo, das suas preocupações e dos seus procedimentos profissionais, está preparando o público para entender o que é isso e suas implicações. É importante haver um espaço no qual se possa explicar por que é preciso respeitar o sigilo da fonte, pois isso contribui para 'desocultar' as práticas jornalísticas e para que o cidadão compreenda o que está por trás da informação que recebe.”

Notícias do Dia Cidade

"Morre Fred, o UFSCão"

Fred / UFSCão / Cachorro / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Melanoma / Rogeria D'El Rei Martins / Agecom / Agência de Comunicação da UFSC / Rio Vermelho / Norte da Ilha / Abandono é crime / Mobilização

Morre Fred, o UFSCão

Campus. Cachorro que vivia na UFSC desde 2008 tinha câncer

FELIPE ALVES
felipe.alves@noticiasdodia.com.br
@felipecalves_ND

Amigo e companheiro de todas as horas dos alunos e servidores da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Fred, que ficou conhecido como UFSCão, morreu nesta sexta-feira, aos 12 anos. Após contrair tumor no olho, em junho do ano passado, e passar por oito sessões de quimioterapia, o estado de saúde se agravou nos últimos dias e optou-se pela eutanásia para que ele não sofresse com dores e hemorragias constantes.

Desde que chegou ao campus, em 2008, Fred ganhou a confiança e a amizade de quem circulava pelo campus. Quando foi diagnosticado com um melanoma, no ano passado, os alunos arrecadaram mais de R\$ 2 mil para ajudar no tratamento. Desde então, Fred ia frequentemente ao veterinário.

Rogéria D'el Rei Martins, que trabalha na Agecom (Agência de Comunicação da UFSC), ficou responsável por acompanhar Fred. E foi no terreno da família dela que o animal foi enterrado, no Rio Vermelho, Norte da Ilha. "Ele era muito querido, fiel e estava sempre alegre. Quando foi diagnosticado o câncer, deram quatro meses de vida, mas aguentou bastante, era guerreiro e gostava de viver", contou. Segundo Rogéria, de quinta para sexta-feira o tumor aumentou e a alternativa encontrada pelos veterinários foi a eutanásia.

Outros quatro cães de rua vivem na UFSC e dependem da ajuda de quem circula pelo local. Rogéria faz um apelo a quem abandona os animais. "Nós gostamos de animais e acabamos cuidando dos cães que aparecem no campus. Mas abandonar é crime, gostaríamos que todos os animais tivessem casa, carinho e que não precisassem passar pela rua para conseguir um lar", diz.

DOENÇA

Tumor foi diagnosticado no ano passado, e Fred passou por oito sessões de quimioterapia



Saiu no **ND**



Na edição de 2 e 3 de agosto do ano passado, o *Notícias do Dia* mostrou a mobilização de estudantes e servidores da UFSC para dar qualidade de vida a Fred.

Guerreiro. Fred tinha um tumor no olho, problema que se agravou nos últimos dias



Mobilização. Alunos e servidores da UFSC fizeram uma campanha para ajudar o UFSCão

Notícias do Dia Entrevista

“Nossos profissionais são a grande diferença do hospital”

Carlos Schoeller / Hospital Infantil Joana de Gusmão / Medicina / Pediatria / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Florianópolis / Santa Catarina / Residência médica / Grande Florianópolis / Assistência psicológica e social / Congresso Brasileiro de Fibrose Cística / Brasil / Câncer infantil / Advocacia da saúde / Direitos da criança e do adolescente / SUS

ENTREVISTA

Carlos Schoeller

Diretor do Hospital Infantil Joana de Gusmão

“Nossos profissionais são a grande diferença do hospital”

LEONARDO THOMÉ
leonardo.thome@noticiasodia.com.br
@ND_Online

Dos 58 anos de vida do médico Carlos Schoeller, 35 deles foram dedicados à medicina e à mais nobre de suas especialidades: a pediatria. Formado pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em 1980, Schoeller conhece profundamente a realidade do Hospital Infantil Joana de Gusmão, em Florianópolis. A unidade, referência no atendimento a crianças em Santa Catarina, foi presidida por Schoeller em 1995. Vinte anos depois, em janeiro de 2015, o médico voltou a ocupar o cargo com desafios diferentes da primeira gestão, entre eles o novo programa de residência médica da unidade e o lançamento de um projeto para acolher acompanhantes de pacientes vindos do interior. Em sua sala no Hospital Infantil, Schoeller recebeu o *Notícias do Dia* para contar um pouco do que sua administração pretende fazer à frente do maior hospital infantil do Estado.

Recentemente, o Hospital Infantil Joana de Gusmão realizou uma pesquisa com acompanhantes de pacientes do ambulatório. Qual item mais chamou atenção da direção do hospital?

O hospital atende cerca de 14 mil crianças por mês, sendo que 34% delas vêm de cidades de fora da Grande Florianópolis, de todo Estado de Santa Catarina. Realizamos então uma pesquisa com 505 acompanhantes de pacientes dos ambulatórios, para saber que itens de atendimento as pessoas gostariam que melhorassem. O que mais chamou a atenção foi o grande número de pedidos relacionados à estrutura de espaços para crianças e seus familiares passarem as horas em que estão no hospital, seja aguardando a consulta ou o atendimento. Como muitos vêm de longe, 41% responderam que ao chegar ao hospital necessitam de locais para higiene pessoal e da criança, e 25% disseram precisar de um local para repousar. Como muitos deles passam horas na estrada até chegar aqui, e depois mais algum tempo aguardando, é muito importante haver um espaço em que os pais possam usar o banheiro, tomar um banho e descansar.

Quando o hospital pretende criar



este espaço de acolhimento?

Estamos fazendo um levantamento de áreas do hospital, aqui mesmo no entorno do prédio principal, para podermos implantar o espaço para acolhimento já no segundo semestre deste ano. Montar um espaço de convivência que conte com duchas, banheiros e refeitório.

“Os profissionais do hospital infantil dedicam-se também à assistência psicológica e social dos pacientes.”

Que mudanças o senhor notou no Hospital Infantil desde sua primeira experiência como diretor da unidade, em 1995?

Temos duas questões, uma relacionada aos equipamentos, algo financeiramente mensurável, e outra que envolve os profissionais que prestam atendimento no hospital. Os equipamentos estão sempre em desenvolvimento, e nesse quesito estamos bem servidos na unidade, por mais que diariamente surjam novidades na área médica. Já os profissionais do Joana de Gusmão dedicam-se não apenas ao atendimento clínico, mas também à assistência psicológica e social aos pacientes e acompanhantes, pois quem vai ao hospital não faz isso de forma opcional. Nossos pro-

fissionais são a grande diferença em favor do hospital.

É uma nova fase?

É uma nova fase, que traz junto o reconhecimento ao trabalho desenvolvido no hospital. Recentemente, uma equipe de pneumologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão tirou primeiro lugar no Congresso Brasileiro de Fibrose Cística, onde foram apresentados 170 trabalhos de todo Brasil. O hospital produziu também um registro hospitalar do câncer infantil em Santa Catarina, onde são compilados dados estatísticos da doença no Estado para encontrar melhores formas de combatê-la.

Em que consiste o novo programa de residência médica em pediatria no Hospital Infantil Joana de Gusmão?

O novo programa prevê três anos de residência - e não mais dois - e atualização do conteúdo, com inclusão de temas como advocacia da saúde e dos direitos da criança e do adolescente. O terceiro ano na residência, que já foi implantado em 11 hospitais no Brasil, será importante para ajudar os residentes a acompanharem o crescimento e desenvolvimento dos pacientes através de novos conceitos, com destaque para promoção e prevenção em saúde. A maior contribuição desse terceiro ano da residência é a inserção de um quarto princípio à tríade do SUS - universalidade, integralidade e equidade - a transformação do pediatra em educador.

Médico com especialidade em pediatria, Carlos Schoeller se formou pela UFSC, onde posteriormente também ministrou aulas na disciplina Pediatria. Fez mestrado em medicina pediátrica na Universidade de Alberta, no Canadá.

Schoeller foi secretário de Estado da Saúde em Santa Catarina de 1995 a 1999, na administração do ex-governador Paulo Afonso. Ele está em sua segunda passagem pela direção do Hospital Infantil Joana de Gusmão.

Sempre atuou na pediatria e faz questão de reforçar a necessidade de pais e mães sempre procurarem um profissional em pediatria para atender seus filhos.

● A coluna “A Vida Segue” é publicada nesta página de terça-feira a sábado

Notícias do Dia
Plural
"Rico e acessível"

Biblioteca da UFSC / Acervo raro / Obras / Coleções Raras / Joana Carla Felício / Império / Província / Biblioteca Central / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Obras raras / Brasil / Séculos 19 e 20 / Preservação / Comarca do Desterro / Enciclopédia de Santa Catarina/ Almirante Carlos da Silveira Carneiro / Celso Ramos / Luiz de Vasconcellos / Francisco Antônio da Veiga Cabral da Camara/ Francisco de Barros Moreira Araujo Teixeira Homem / Collecção das Leis da Província de Santa Catharina / Ensaios oratórios na tribuna evangélica / Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva / Francisco Pedro da Cunha / Duarte Paranhos Schutel / Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão / Louis Figuier Lisboa / Stefano Travella / José Artur Boiteux / Alexandre Boiteux



Obras. A bibliotecária Joana Carla Felício na sala de coleções raras; entre os mais de três mil documentos, livros do século 18, leis do Império e da Província, além de jornais do século 19

CHATEAUBRIAN Sala de raridades

Acervo. Mais de três mil documentos raros da Biblioteca da UFSC estão disponíveis em espaço especial para pesquisa

KARIN BARROS
karin.barros@noticiasdodia.com.br

Pesquisadores e estudiosos ou mesmo curiosos agora encontram na Biblioteca Central da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) um espaço ideal para suas investigações. A instituição desde início desta semana tem uma sala exclusiva para consulta ao acervo de obras raras da instituição, composto de livros e folhetos impressos, tanto do Brasil quanto do exterior, entre os séculos 18 e 20. Trata-se de uma coleção inestimável de leis do Império e da Província, obras sobre Santa Catarina e sobre o Brasil (incluindo relatos de viajantes, relatórios e obras gerais), obras sobre o direito no Brasil entre os séculos 19 e 20, além de textos literários e ensaios diversos. Há ainda uma coleção de jornais catarinenses do século 19, um acervo de documentos históricos e periódicos microfilmados, além de fotos antigas.

O espaço já existia, mas era utilizado para outros fins da universidade. De acordo com Joana Carla Felício, bibliotecária

responsável pelo setor de coleções raras, a ideia surgiu para facilitar o estudo de pesquisadores e estudantes que utilizam o setor, e para preservação do material. "Ficava trabalhos levar tanto material para o salão, além de perigoso por conta do espaço e o clima do ambiente", contou Joana. A sala dispõe de uma mesa e um computador, além de tomadas caso o pesquisador queira levar seu próprio eletrônico.

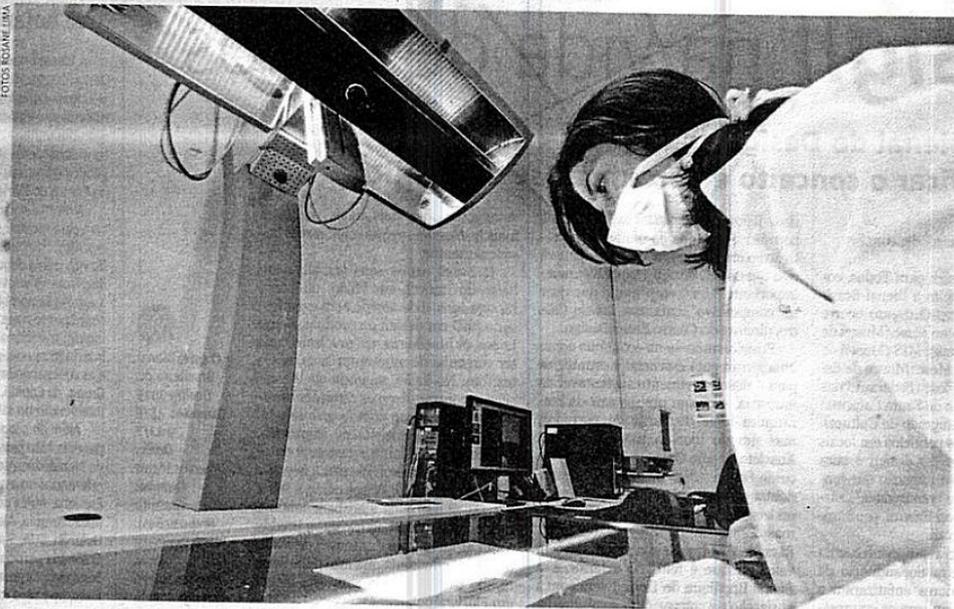
Para ter acesso às obras, é necessário pedir ajuda a um dos funcionários do setor. Eles acompanham o pesquisador até o setor de raridades, onde o ajudam a encontrar o material e ficam disponíveis das 7h30 às 22h. Porém, para este manuseio, tanto os funcionários quanto os alunos, precisam usar guarda-pó, luvas e máscara. O cuidado é para não danificar os materiais e para a proteção de quem o utiliza. A precaução deve continuar durante os estudos, dentro da sala exclusiva.

Entre os mais de três mil documentos raros, há um expressivo acervo documental, formado de manuscritos de importância histórica, como a coleção contendo mais de

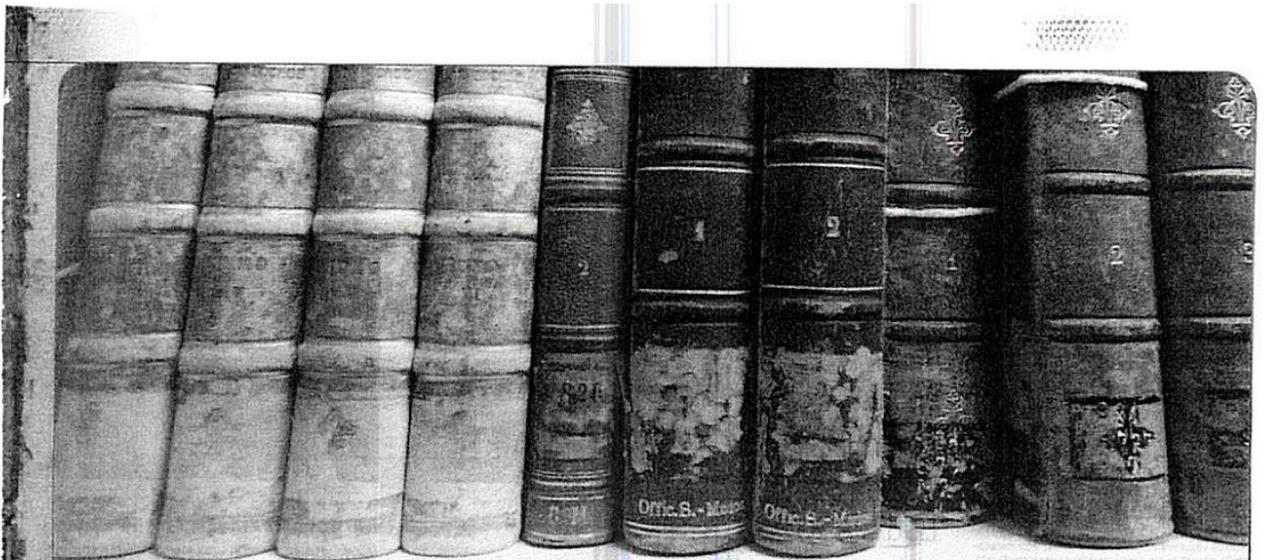
quatrocentos documentos da correspondência do Ouvidor da Comarca do Desterro entre os anos de 1770 e 1780 e um conjunto significativo de correspondências das colônias alemãs e italianas em Santa Catarina no século 19. A Enciclopédia de Santa Catarina, idealizada e coordenada pelo Almirante Carlos da Silveira Carneiro também está sobre domínio da biblioteca. Em 1961, o pelo Governador do Estado de Santa Catarina, Celso Ramos, reconheceu a obra como de utilidade pública.

Os documentos são extremamente delicados e passam por rigorosos cuidados. A sala onde as coleções ficam alojadas é climatizada entre 18°C e 22°C, contém desumidificador e as obras ficam em prateleiras feitas de aço e cadeadas, chamadas arquivos deslizantes. Nas estantes também é possível ver sachês aromáticos com uma receita caseira feita pelos próprios estagiários da biblioteca. Para a organização das obras, a instituição utiliza de marcadores de papel com as informações. O formato é o mesmo das bibliotecas dos Estados Unidos, pois não é recomendado o uso de adesivo nos acervos.

FOTOS: EGIANE LIMA



Manuseio. Apenas 10% do material está digitalizado. Para consultar documentos é preciso usar luvas, guarda-pó e máscara



CONFIRA ALGUMAS OBRAS DISPONÍVEIS:

- Correspondência do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos com os governadores da Ilha de Santa Catharina Francisco Antonio da Veiga Cabral da Camara e Francisco de Barros Moreira Araujo Teixeira Homem, de Lutz de Vasconcellos, 1790?
- Coleção das Leis da Província de Santa Catharina a partir de 1835, Província de Santa Catharina.
- Ensaíos oratorios na tribuna evangelica: collecção de sermões, panegyricos, orações de acção de graças e funebres. Santa Catharina: Typographia Catharinense, de Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, 1862. 209 p.
- Relatório da exposição provincial de Santa Catharina em 1866 seguido do catalogo dos objectos expostos, 1866
- Oração em acção de graças pela feliz terminação da Guerra do Paraguay. Santa Catharina, de Francisco Pedro da Cunha, Typ. da Regeneração, 1870. 32 p.
- Breve noticia sobre tres esqueletos de indigenas brasilienses da Provincia de Santa Catharina (Brasil), de Duarte Paranhos Schutel, 1867. Rio de Janeiro: Typ. Moreira, Maximino, 1875. 11 p.
- Notas geographicas e historicas sobre a Laguna desde sua fundação até 1750. de Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão. Desterro: Typ. de J.J. Lopes, 1881-1884. 3 pt. (87, 56 p.)
- Storia delle Pianta, de Louis Figuier e Stefano Travella. Milano: Fratelli Treves, 1882. xxxix, 758 p.
- O homem primitivo, de Louis Figuier. Lisboa: Empresa Litteraria luso-brazileira, 1883. 502 p.
- Santa Catharina-Paraná: questão de limites, de José Artur Boiteux. Rio de Janeiro: Typographia d'a Tribuna, 1890. Não paginado
- Regulamento para o lancamento e arrecadação do imposto sobre predios urbanos e terrenos alugados
- e do imposto de patente por venda de bebidas espirituosas. De Santa Catharina. Coordenadoria do Tesouro. Desterro: Typ. da Republica, [1894]. 14 p.
- Diccionario historico e geographico de Estado de Santa Catarina. 1915-1940
- A pesca em Santa Catharina, de Lucas Alexandre Boiteux. Florianópolis, SC: Federaçao das Colonias, 1934.
- * Nomes originaís das obras

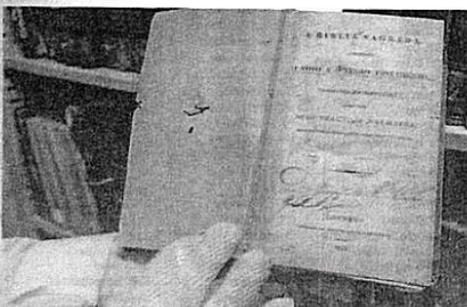
Processo de digitalização

Para facilitar o trabalho de pesquisadores e estudantes, a biblioteca da UFSC está desde agosto de 2014 com um processo de digitalização das obras raras. De acordo com a bibliotecária Joana Carla Felício, apenas 10% do material do acervo de Santa Catarina foi processado até o momento. A expectativa é de terminar até o final de 2015, porém o setor de obras raras conta apenas com três funcionários e dois bolsistas.

Cada obra precisa passar por um minucioso processo de higienização, página por página, o que requer o uso de um pincel (trinchas) e pó de borracha. Ele é realizado em uma mesa de sucção específica para eliminar resíduos. Nesta etapa verifica-se também a

necessidade ou não de ações de restauro. Em seguida entra-se no processo de inventário, onde os dados da obra são catalogados e é possível saber se ela já está em domínio público, para então ser disponibilizada no site da UFSC para a comunidade. Para ter acesso ao material, basta acessar o site em www.tede.ufsc.br.

Com o processo de digitalização, outra parte do projeto que entra em questão é o acondicionamento de cada obra. Dependendo do material, ele precisará de uma embalagem diferenciada para conservação e preservação. Este é o caso dos invólucros que já estão já sendo usados em algumas obras, além de caixas de plástico, que arquivam livros pequenos e frágeis.



Idiomas. Umã das obras do acervo, sobre François-René de Chateaubriand

Notícias do Dia Panorama

"A conta vai ser paga por alguém"

Sandra Krieger Gonçalves / Univali / UFSC / Blumenau / Furb / Krieger Advogados Associados / OAB-SC / Judicialização da saúde / Política pública / SUS / Poder Judiciário / Constituição / Medicina / Medicamentos / Universalização da saúde

"A conta vai ser paga por alguém"

O processo crescente de judicialização da saúde no país foi abordado pela advogada Sandra Krieger Gonçalves em tese de doutorado defendida em 5 de março, na Univali. A trajetória de Sandra é de sucesso e de muito trabalho. Após terminar o curso na UFSC, ela atuou como procuradora-geral em Blumenau entre 1989 e 1993. Quando saiu do cargo, ingressou como professora de Processo Civil na Furb em 1993, onde atualmente leciona Direito Administrativo e Processo Civil. Em 1994, abriu, com outro advogado, o escritório Krieger Advogados Associados, especializado em Direito da Saúde, Direito Administrativo e Direito Empresarial. Desde 2013, Sandra atua como secretária-geral adjunta da OAB-SC e, atualmente, estuda locais para abrir uma filial do escritório na Capital.

Por que a judicialização da saúde preocupa tantos os governos? Qual é o peso para os orçamentos?

Eu fiz uma tese em torno da análise da intervenção do Judiciário em torno dos contratos de planos de saúde. Depois da Constituição de 1988, o sistema de saúde foi reconhecido, do ponto de vista constitucional, de duas formas, exercido por dois sistemas distintos. O sistema de saúde universal, integral, que é prestado pelo Estado, aquele que é dado a todo e qualquer indivíduo independente da sua condição e que tem direito assegurado pela Constituição do acesso à saúde plena. Mas a Constituição permitiu que entidades privadas também prestassem esse serviço. E esse serviço privado de assistência à saúde é chamado saúde suplementar.

O que o Judiciário assumiu?

Ele assumiu um papel de maior intervenção em política pública. Passou a atender a população por meio de ações judiciais, atender às demandas que o SUS não atendia. A efetivação destes direitos é dever do Executivo. Na medida em que alguém vai para o Poder Judiciário com uma demanda, e o Judiciário

diz que efetivamente esta demanda tem o respaldo na Constituição, ele intervém no Poder Executivo. E também intervém nos contratos. Então, tanto em matéria de política pública quanto em matéria de lei de plano de saúde, o Poder Judiciário assume um papel de protagonista. Em torno desse papel é que eu desenvolvi essa tese, estudando as decisões judiciais em matéria de contratos de plano de saúde. Até que ponto o Poder Judiciário pode romper um contrato?

Quando os recursos chegam a instâncias superiores, costumam ser atendidos ou a decisão é mantida?

Exatamente esse foi o meu objeto de estudo. Em torno do que as decisões judiciais vêm sendo fundamentadas? Elas vêm fundamentadas em, basicamente, uma requisição médica. Então, é papel da sociedade, como um todo, aparelhar os juizes de uma maneira que eles possam decidir com mais segurança. Por que o que dizem os juizes?

"Eu não posso ir contra uma requisição médica porque eu não entendo de Medicina". E normalmente é urgente. O que a gente provou? Que na maioria das vezes isso não é urgente. Posso te assegurar que entre 70% e 80% das decisões liminares que são dadas não são situações que precisam ser cumpridas em 48 horas. Até porque, por exemplo, um medicamento importado só consegue ser fornecido de 30 a 45 dias. No entanto, a liminar determina que o Estado ou o plano de saúde conceda [o medicamento] em 48 horas.

O juiz não deveria perceber que o medicamento importado não poderá ser entregue em 48 horas?

Deveria. Mas ele não sabe disso. Ele não pergunta quando concede a liminar. Ele ouve

uma das partes e concede a liminar: "Determino que tal medicamento que é necessário para o tratamento hepático conforme o atestado médico de folhas tais, seja concedido em tanto tempo". E se a operadora do plano de saúde ou o Estado não pode importar, que ele libere o recurso, o dinheiro na conta bancária do indivíduo em 48 horas ou 72 horas para que ele mesmo importe.

O dinheiro é limitado, e aí funciona aquela regra básica: se você gasta o recurso para uma causa, vai faltar para outra.

O que eu chamo de efeito perverso da decisão judicial, sem nenhuma crítica ao Poder Judiciário, que está aí para resolver litígio, e sem o Poder Judiciário a sociedade não seria a mesma. Mas o efeito perverso, por conta do orçamento da União, é ter que realocar recursos de atendimento básico... então tira do Plano de Saúde da Família, que é atendimento preventivo, para custear um medicamento importado que custa R\$ 300 mil. No contrato privado, o que acontece? Os novos contratos que vão sendo oferecidos são cada vez mais caros. Então ele fica muito inacessível à classe que poderia aquisitivamente ter um plano de saúde.

A Constituição prevê a universalização da saúde. O direito do cidadão à vida e à própria saúde não está acima das finanças públicas?

É o que os juizes mais fundamentam as suas decisões, em um desequilíbrio de princípios. Então, o que se questiona é até que ponto esses princípios estão realmente sendo analisados. Se fez um estudo, de uma tese de doutorado de um jurista do Rio Grande do Sul, justamente em torno das decisões do Supremo que falavam em princípios, que tinham esse sopesamento de princípios. Quantas das decisões efetivamente estavam atendendo a estes princípios? E a conclusão a que ele chegou é que essa é uma argumentação para conferir autoridade ao discurso, mas ela normalmente, no seu fundo, não contém prova no processo de que isso está acontecendo. Então, quando eu digo que o direito à saúde é um direito fundamental, assegurado na Constituição, na Carta dos Direitos Humanos desde a Revolução Francesa, e que, portanto, esse é um direito inarredável, inquestionável, eu tenho que provar que neste caso o direito está sendo violado e de que forma. Ele não pode servir apenas como um amuleto. Porque se fosse dessa forma, cada vez que a gente estiver falando de saúde, a pessoa tem razão. Cada vez que a gente tiver falando de risco de morte, a pessoa tem razão. E o risco de morte é um dos elementos é um dos elementos, ou o prolongamento da vida em um tratamento experimental, sem eficácia comprovada, efetivamente eu estou atendendo o direito à vida com isso?

PROCESSOS. Sandra defendeu tese de doutorado analisando a judicialização da saúde no país



Sandra Krieger Gonçalves

O peso da judicialização

Número de ações envolvendo a saúde movidas contra a União

2009
10.486
2012
13.051
Variação
+ 24,5%

Gastos da União com as decisões judiciais

2009
R\$ 95 milhões
2012
R\$ 355,8 milhões

Número de ações de saúde nos tribunais federais até junho de 2014

1º grau 42.475
2º grau 19.816
Total 62.291

Números de ações de saúde nos tribunais estaduais até junho de 2014

Rio Grande do Sul
113.953
Minas Gerais
66.751
Rio de Janeiro
46.883
São Paulo
44.690
Santa Catarina
18.188
Espírito Santo
8.991
Total nos 27 Estados
330.630

FONTE: MINISTÉRIO DA SAÚDE E FÓRUM NACIONAL DA SAÚDE



Na entrevista em vídeo, no ND Online, Sandra fala sobre como a judicialização é tratada em outros países

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 16/05/2015

[Colóquio na UFSC debate mudanças estruturais no jornalismo](#)

[Aluno de MS com maior nota no Enem diz que segredo é persistência](#)

['UFSCão' Fred, do campus de Florianópolis, morre nesta sexta](#)

['UFSCão' Fred, do campus de Florianópolis, morre nesta sexta](#)

Notícias dia 18/05/2015

[Começa nesta terça-feira o Circuito FAM de Cinema em toda Santa Catarina](#)

[Circuito FAM de Cinema começa nesta terça-feira](#)

[Museus de Joinville participam de semana de celebração que ocorre em todo o país](#)

[O usucapião extrajudicial no novo Código de Processo Civil](#)

[Diretor do Hospital Infantil Joana de Gusmão diz que profissionais da unidade fazem a diferença](#)

[Justiça Federal determina que UFSC adquira ponto eletrônico](#)

[Biblioteca da UFSC abre sala especial para pesquisa de seu acervo raro](#)

[Avaí firma parceria e cria Avaí Futsal](#)

[Abertas as inscrições para o Aluno Integrado 2015](#)

[Fundação Bunge recebe indicações até sexta \(22\)](#)

[Participantes do Arte na Escola confeccionam Mandalas de fios](#)